

(transcrição)

Capitólio (Roma), 22 de janeiro de 2000

A contribuição que o Movimento dos Focolares dá à cidade:

Do discurso de Chiara Lubich por ocasião do conferimento da cidadania honorária de Roma

[...]

De hoje em diante sou cidadã romana (aplausos). O fato é que me sinto pequena e insignificante perante esta cidade, que não sei definir, tão especial é, riquíssima de história, de arte e de cultura, de bênçãos, porque encerra – como um cofre precioso – o coração palpitante da vida cristã universal.

Sinto-me insignificante perante certas personalidades que receberam antes de mim semelhante honra, embora eu saiba que foi sobretudo um dom de Deus, um carisma e com ele o Movimento dos Focolares, de dimensões mundiais que dele nasceu, que terão atraído a atenção dos administradores de Roma.

Contudo sei que Madre Teresa de Calcutá, uma grande amiga minha, homenageada e com razão com a cidadania romana, está aqui a meu lado.

[...]

Eu, nós, membros do Movimento dos Focolares, desde 1949 estamos em Roma.

Um artigo que escrevi nesse ano para o jornal *A estrada*, dirigido pelo deputado Iginio Giordani, intitulado “Ressurreição de Roma”, dizia com clareza como eu via nessa altura esta cidade. Começava mais ou menos assim: «Se vejo Roma assim como é, sinto o meu Ideal (que é reacender o fogo do amor de Cristo no mundo) distante, assim como está distante o tempo em que os grandes santos e os grandes mártires emitiam eterna luz, iluminando inclusive as paredes dos monumentos que ainda se erguem, testemunhando o amor que unia os primeiros cristãos. Enquanto agora, num estridente contraste, imperam o frio e o mundanismo»¹.

E ali eu exprimia o forte desejo de ajudar os seus responsáveis, juntamente com outros grupos e Movimentos suscitados por Deus, a levar o fogo do amor divino às suas casas, pelas suas ruas, aos lugares de estudo e de trabalho, ao Parlamento, a toda a parte.

Creio que a minha era – como se diz hoje – uma espécie de “vocação na minha vocação” mais vasta: ajudar a Igreja a realizar no nosso planeta a unidade, o “que todos sejam um” de Jesus.

De fato eu, naqueles anos, teria desejado que muitas das nossas forças fossem usadas para espalhar por Roma o fogo do amor. Mas o plano divino sobre nós era outro.

O projeto de uma Obra de Deus está no Céu, como a partitura de uma música que depois é executada na terra. E Deus quis, em todos estes anos, que nos difundíssemos por todo o planeta e tecêssemos uma rede de amor entre pessoas de muitas nações, de raças diferentes, de todas as línguas, de todas as denominações cristãs, que têm em comum conosco o batismo, e não só, e de várias religiões, contando muito com a famosa “Regra de ouro”, semente do Verbo, referida não só no Evangelho mas também nos livros sagrados das religiões mais importantes do mundo e que diz assim: «Faça aos outros o que gostaria que os outros lhe fizessem» ou «não faça aos outros o que não gostaria que os outros lhe fizessem». Ambas são sinônimo de: ama, ama o próximo.

E Deus nos impelia a tecer uma rede de amor também com pessoas de qualquer convicção, mesmo sem um ponto de referência religioso, homens e mulheres de boa vontade, que procuram salvar os valores humanos nas suas vidas e trabalham para que sejam praticados na sociedade.

Assim vimos nascer, se desenvolver e difundir “um povo” (como o Santo Padre gosta de ver e de definir o nosso Movimento, comparando-o com algumas nações que têm mais ou menos o mesmo

¹ C.LUBICH, “Risurrezione di Roma”, em *Nuova Umanità* n. XVII (1995) 6, pág. 5-8;

número de pessoas)... Vimos nascer, se desenvolver e difundir um “povo” em todas as nações, silencioso mas decidido a viver a sério o Evangelho e a inundar com a sua luz e com a sua força todos os âmbitos da vida humana: político, econômico, cultural, artístico, educacional, da medicina, do direito e outros.

Tudo isso para contribuir a edificar no mundo, com a fraternidade universal, uma civilização nova: a civilização do amor.

Mas Roma, logicamente, não parou.

Com os anos pude ver esta cidade ressurgir e reluzir pouco a pouco com o seu esplendor, graças aos esforços feitos em todos os ambientes, em cada bairro, sob todos os aspectos, por autoridades civis respeitáveis e competentes, e graças ao esforço de muitas autoridades religiosas, santas e zelantes em animar cada vez mais intensamente as respectivas comunidades; e de muitos romanos, que também se tornaram protagonistas da própria renovação. De forma que já não se reconhece mais a Roma de antes, sobretudo hoje, também graças às obras públicas de restauração e etc. para a alegria dos numerosos peregrinos do mundo que a visitam e a visitarão neste ano jubilar.

Claro, como em todas as coisas da terra, as sombras não podem faltar e se pode sempre melhorar para responder a novas situações, a novos problemas que a própria evolução da convivência cria, a fim de fazer brilhar ainda mais a fisionomia inconfundível da cidade.

Por isso eu gostaria de que, ao acontecimento de hoje, que diz respeito ao Movimento dos Focolares e à minha pessoa, correspondesse um empenho da nossa parte: dedicar-nos de hoje em diante a esta cidade, mais e melhor.

Eu gostaria de potencializar nela o que o nosso carisma pode oferecer: o amor, a unidade, a unidade entre todos, em todo o lado.

Gostaria de que, através do exemplo e da palavra, muitos aprendessem o que é “saber amar” porque, como diz um filósofo: «Amar é um bem. Saber amar é tudo»².

Sim, “saber amar”, porque o amor cristão é uma arte e é preciso conhecer essa arte.

Um grande psicólogo do nosso tempo afirmou que «A nossa civilização muito raramente procura aprender a arte de amar e, apesar da desesperada busca de amor, considera mais importante todo o resto, como o sucesso, o prestígio, o dinheiro, o poder. Empregamos quase todas as nossas energias para alcançar estes objetivos e quase nenhuma para conhecer a arte de amar»³.

A verdadeira arte de amar emerge totalmente do Evangelho de Cristo.

É o primeiro passo imprescindível, que podemos dar, para desencadearmos aquela revolução pacífica, mas tão incisiva e radical que muda tudo; é o segredo daquela revolução de amor que fez com que os primeiros cristãos invadissem o mundo conhecido naquele tempo.

É uma arte exigente, com fortes requisitos. Ao relembra-la hoje, gostaria de oferecê-la à atenção de todos como um pequeno presente, como uma pequena flor, para que, se desejarem, possamos nos ajudar a difundi-la por toda a parte em Roma; para que Roma seja para o mundo aquele braseiro de fogo e de luz que tem mesmo que ser, se deve cooperar para reconduzir o mundo à unidade.

É uma arte que exige que se ultrapasse o horizonte restrito do amor simplesmente natural, dirigido em geral quase exclusivamente à família e aos amigos.

Este amor deve ser endereçado a todos: ao simpático e ao antipático, ao bonito e ao feio, ao meu compatriota e ao estrangeiro, da minha religião ou de outra, da minha ou de outra cultura, amigo, adversário ou inimigo. Temos que amar a todos como faz o Pai Celeste, que manda o sol e a chuva sobre os bons e sobre os maus. Assim.

2 CHATEAUBRIAND, *Aforismi e citazioni cristiane*, Casale Monferrato 1994, pág. 17;

3 E.FROMM, *L'arte di amare*, Milão 1971, pág. 18;

É um amor que nos faz ser os primeiros a amar – e isto é forte –, sempre, sem esperarmos que nos amem, como fez Jesus Cristo, que, quando nós ainda éramos maus e portanto indignos de seu amor, deu a vida por nós.

E é um amor que considera o outro como a si mesmo, que vê no outro um outro si mesmo. Gandhi dizia: «Tu e eu somos uma coisa só. Não posso te machucar sem me ferir»⁴.

Este amor não é feito apenas de palavras ou de sentimentos: é concreto.

Exige que nos façamos um com os outros, que “vivamos” de certa maneira “os outros”, participando dos seus sofrimentos, das suas alegrias, das suas necessidades, para compreendê-los e ajudá-los eficazmente.

Esta arte quer que amemos Jesus na pessoa amada. Ainda que o nosso amor seja dirigido a uma pessoa específica, o que é certo é que Ele, Cristo, considera feito a Si tudo o que de bom ou de mau fizermos às pessoas. Ele o disse e repetiu ao falar da cena grandiosa do juízo final: «A Mim o fizestes» (cf Mt 25, 40).

Por fim, esta arte de amar, vivida por diversas pessoas, conduz ao amor recíproco: na família, no trabalho, nos grupos, na sociedade; amor recíproco, pérola do Evangelho, “mandamento novo” de Cristo, que constrói a unidade.

Excelências, senhoras, senhores e amigos, se ainda não for assim, que Deus inflame a todos com o verdadeiro amor! É a coisa mais valiosa! Sem o amor, tudo perde o sentido, até saber a língua dos anjos – como diz São Paulo -, até dar tudo aos pobres, até dar o próprio corpo às chamas.

O amor é a vida do mundo.

Temos o ardente desejo de que, quem olhar para Roma, possa dizer dos seus cidadãos o que se afirmava dos primeiros cristãos: «Vede como se amam e estão prontos a morrer uns pelos outros!»⁵, porque é com palavras como estas, vividas, que a nossa cidade poderá receber a coroa digna da sua altíssima vocação.

É graças a esse amor extremo e radical que ela poderá ser uma testemunha luminosa do Único que pode realizá-la plenamente no plano espiritual e, porque Homem além de Deus, também – através dos seus filhos – no plano humano e social.

Obrigada, senhor prefeito.

Agradeço às autoridades civis e religiosas, agradeço a todos os que estão aqui por este dia e pelo dom que ofereceram hoje a mim e a nós.

Que o Senhor nos faça dignos de corresponder (aplausos).

4 Cf. citação em WILHELM MUHS, *Parole del Cuore*, Milão 1966, pág. 8;

5 TERTULIANO, *Apologetico*, texto em latim, tradução e notas de Anna Resta Barrile, Zanichelli, Bolonha 1980, cap. 39, 7, pág.1 45.